

## LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS: ENTRE O RECONHECER E O REMEMORAR

*Jozilaine de Oliveira*

*Universidade Federal da Fronteira Sul*

*jozilaine@estudante.uffs.edu.br*

*Eixo 08: Linguísticas, Letras e Artes*

**Resumo:** A partir da leitura da obra *Ana Z., aonde vai você?* (1993), de Marina Colasanti, propomos um modo de compreender a leitura de textos literários. A análise dá por meio da leitura da obra literária e parte da relação entre leitor e texto literário. Durante a leitura percebemos um movimento constante da memória, sendo despertadas diversas memórias literárias. Percebemos que em alguns momentos o que surgiram foram memórias voluntárias, isto é, quando o leitor acessa uma lembrança de uma leitura realizada no passo, reconhecendo a alusão. Em outros momentos, o que surge são memórias involuntárias, em outras palavras, quando o leitor é levado ao passado a partir do contato com um determinado trecho do enredo, por meio da rememoração. Este jogo entre duas memórias parece-nos ser uma possibilidade de entender a leitura, ser um modo de ler.

**Palavras-chave:** Leitura. Memória. Rememorar. Reconhecer.

### Introdução

[...] uma leitura não existe isolada, mas viaja em nós num grande concerto de ecos em que vozes de tantos autores e tantos livros se entrelaçam e se refletem.  
(COLASANTI, 2004, p. 123).

Este trabalho apresenta uma proposição de que a leitura pode ser compreendida como um jogo entre duas memórias, a voluntária e a involuntária. Ao que Colasanti, na epígrafe acima, chama de “concerto de ecos”, chamaremos de memórias. Apresentaremos como, a partir de uma relação de leitura, memórias literárias foram despertadas.

Partimos da leitura da obra *Ana Z., aonde vai você?* de Marina Colasanti, mostrando como no decorrer da leitura, da relação entre leitor e obra literária, afluxos frequentes

interrompiam a leitura, não uma interrupção demorada, mas repentina. Esse breve intervalo, que de certo modo aparatava leitor e texto por alguns instantes, estava relacionado à memória, apontando para a perspectiva de que, embora a leitura seja realizada no presente, o leitor pode ser conduzido ao passado enquanto lê.

Com o intuito de compreendermos como essas memórias, de leituras realizadas no passado, apresentam-se no presente de leitura, buscamos aporte nos estudos de Walter Benjamin sobre a memória. Para o autor o presente está sempre atravessado pelo passado por meio de relampejos. Em seu texto “Sobre o conceito de história”, escrito em 1940, Benjamin reflete sobre como o passado está sempre movimentando a história, apontando para a ideia de que o presente traz consigo “estilhaços” de uma outra época.

Segundo o ensaísta alemão: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido na história. [...] o passado é citável, em cada um dos seus momentos.” (BENJAMIN, 1985, p. 223). É dessa forma que as memórias que surgem no decorrer da leitura de *Ana Z., aonde vai você?* se apresentam, trazendo o passado ao presente durante alguns instantes, permitindo que esses dois tempos estivessem reconectados por um momento.

A percepção de que “o tempo passado é vivido na rememoração” (BENJAMIN, 1985, p. 232) nos conduzem às reflexões que Walter Benjamin evoca em outro texto, “Sobre alguns temas em Baudelaire” — ensaio que integra a obra *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Nesse trabalho, o autor trata sobre a noção da experiência e, para isso, resgata os conceitos de “memória voluntária” e “memória involuntária” de Proust (*Em Busca do Tempo Perdido*). Segundo o escritor francês, a memória é dividida em dois tipos: a memória voluntária e a memória involuntária. Benjamin expõe que, para Proust, a memória voluntária seria semelhante a um arquivo, que nos fornece fatos do passado que podemos acessar de acordo com nossa vontade. Já a memória involuntária caracteriza-se por uma intensidade maior e não está sujeita a um esforço consciente, ela emerge a partir do contato com um objeto, é despertada.

Assim sendo, o que propomos que no momento da leitura, o leitor pode reconhecer leituras do passado, por meio da memória voluntária. Bem como, pode ser atravessado pelo rememorar, ao se deparar com determinados trechos e, involuntariamente, ser direcionado a um momento ou leitura do passado, aspecto que se daria por meio da memória involuntária.

Ambos os conceitos de memória são apresentados por Proust em sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*. O escritor descreve como o personagem tem uma lembrança do passado despertada involuntariamente, com o gesto de molhar madeleines em uma xícara de chá. Um

acontecimento do presente transporta o personagem “aos velhos tempos” (BENJAMIN, 1989, p. 106), permitindo-o rememorar a cidade de sua infância.

O leitor, de igual modo ao personagem da narrativa de Proust, também é levado a frequentes reminiscências, que permitem-no reconhecer o passado no presente. Também propomos que, ademais da interpelação pela memória involuntária, no decorrer de uma leitura, o leitor poderá ser interpelado também pela memória voluntária, através do reconhecimento de alusões em determinados trechos do texto literário.

A leitura, por esta perspectiva, age como um acontecimento liberador, que permite um reencontro com um acontecimento que outrora pertencia ao passado, mas que agora faz parte do presente. Lembranças que estavam em algum lugar da nossa memória, em uma espécie de modo de espera, afloram ao perpassar as linhas de uma narrativa. Na sequência, descrevemos o surgimento dos “relampejos fugazes” (BENJAMIN, 1985, p. 225) vivenciados ao longo da leitura de *Ana Z., aonde vai você?*.

## O rememorar

A rememoração, do ponto de vista apresentado por Proust, ocorre involuntariamente, ou seja, não há como ser controlada de forma consciente. Ao longo da leitura de *Ana Z., aonde vai você?* percebemos como memórias literárias foram desabrochando, como uma espécie de relampejos, permitindo que o passado e o presente entrassem em sincronia.

Em determinados trechos da narrativa literária rememorações de outras obras da literatura surgiram, permitindo que durante algum tempo, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol; *Haroun e o mar de histórias*, de Salman Rushdie; “A moça tecelã”, de Marina Colasanti; *As mil e uma noites*; *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *O sítio do picapau amarelo*, de Monteiro Lobato; e *O mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum, fizessem companhia a esta leitura do presente.

As rememorações que surgiram no decurso da leitura do enredo de Marina Colasanti, conduziram o leitor, fugazmente, a um momento do passado. Mostrando como, na dinamicidade da leitura, a memória realiza movimentos constantes, propiciando o encontro entre um momento que passou e o agora, viabilizando que algo que estava esquecido reapareça. É nesse entrelaçamento entre o passado e o presente que a memória ganha vida, independentemente do modo como se apresenta, voluntária ou involuntariamente. Não há como separar uma da outra

ou escolher qual irá se manifestar, se o reconhecimento ou a reminiscência. É algo que não está sob o controle do leitor. Deste modo elas surgem mesclando-se uma à outra.

A rememoração, que não está vinculada a um esforço consciente, é chamada por Marcel Proust de memória involuntária, e pode ser despertada por um acontecimento ou um objeto qualquer. No caso da leitura apresentada neste trabalho, ao passar por determinados trechos da obra de Marina Colasanti, involuntariamente memórias literárias foram evocadas, transportando o leitora para leituras do passado.

Para distinguirmos os tipos de memória ressaltamos os seguintes aspectos: a memória voluntária, é adquirida pelo hábito e pela repetição, como por exemplo, andar de bicicleta. E tem como representante principal a visão. Em outras palavras, diz respeito à memória voluntária o reconhecimento de menções ou alusões à outras narrativas literárias em determinada leitura. A memória involuntária, em contrapartida, é independente de nossa vontade, ou seja, é inesperada, sendo representada pelas sensações. Ocorre quando, a partir do contato com algum objeto, o indivíduo rememora momentos do passado. No caso da leitura, essa rememoração é despertada pelo texto literário.

## O reconhecer

Observamos como, durante a leitura de *Ana Z., aonde vai você?*, a memória estava em jogo o tempo todo. O leitor encontrava-se constantemente entre o reconhecimento e a rememoração. Sendo que, em determinados momentos, ambas se entrelaçaram. Levando-nos a percebermos um modo de ler que toma desvios constantes e é fomentado pelas pausas.

Barthes, em “Escrever a leitura”, menciona um modo de ler ao qual se refere como uma leitura “irrespeitosa e apaixonada”, que coloca em diálogo o passado e o presente.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? (BARTHES, 2004, p. 26).

E foi exatamente dessa forma, tomada por afluxos constantes, que se deu a leitura de *Ana Z., aonde vai você?*. O leitor leu lembrando. Contudo, embora os afluxos da memória aparentavam atravancar a fluidez da leitura, essas suspensões, na verdade, aproximaram o leitor e obra. Revelando que esses desvios temporários não nos apartam do texto por completo. Aliás,

suspeitamos que ler “levantando a cabeça” seja um indício de que realmente conseguimos estabelecer uma relação com o texto literário.

Ao longo das páginas de uma narrativa literária somos levados a levantar a cabeça, sendo colocados diante de outros textos e de diferentes pontos do passado. Isso pode acontecer de dois modos: 1) através do reconhecimento de uma referência, propiciado pela memória voluntária; 2) e por meio da rememoração, suscitada pela memória involuntária. Parece-nos que sempre lemos lembrando, independentemente de como essa lembrança se manifesta, se pela identificação da alusão ou pela reminiscência. No que diz respeito ao reconhecimento, está relacionado com uma lembrança que guardamos e que, em decorrência de uma ação presente, voltamos a experienciar de modo consciente. No caso da rememoração, é necessário que ocorra um despertar involuntário, o contato com um objeto qualquer acorda uma lembrança que estava adormecida, suscitando as mesmas sensações de outrora.

### **Um jogo entre duas memórias**

Este distanciamento temporário do leitor aparenta ser um modo de ler, em que o “levantar a cabeça” é um movimento estimulado pela memória. Um traço observado em *Ana Z., aonde vai você?* é o delineamento do enredo que, aparentemente, estimula o despertar das memórias literárias.

Thomas Foster disserta nesta perspectiva expondo que “toda literatura se nutre de outras literaturas.” (FOSTER, 2010, p. 69), isto é, de algum modo, os textos literários estão interligadas e continuamente originam novos textos, que em algum momento se encontram.

A leitura, por esta perspectiva, converte-se em um jogo de duas memórias. De um lado está a memória voluntária, aquela que podemos acessar deliberadamente, logo que nossa visão identifica uma correspondência que está armazenada em nossa memória, resultante de algo que vimos ou vivemos recorrentemente. E que, possivelmente, poderá ser reconhecida por vários leitores. Do outro lado, temos a memória involuntária, quando inconscientemente o leitor é direcionado ao passado ao entrar em contato com um trecho da narrativa literária, e isto ocorre sem que possa controlar conscientemente.

### **Considerações Finais**

O que podemos depreender, a partir da análise da leitura de *Ana Z. aonde vai você?* é

que os desvios provocados pelo aflorar e o reconhecer da memória podem acontecer na leitura de textos literários de modo mais abrangente. Quando lemos, voluntária e involuntariamente, somos conduzidos a outros enredos, seja ao nos depararmos com alguma alusão direta ou quando, de modo inconsciente, somos levados a visitar o passado inesperadamente, pelo contato com um trecho.

Obras como *Ana Z., aonde vai você?* parecem estimular os afluxos da memória, levando o leitor a “ler levantando a cabeça”, deixando-o entre o reconhecimento proporcionado pela memória voluntária e o rememorar despertado pela memória involuntária, convertendo a leitura em um jogo entre duas memórias.

## Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUM, Lyman Frank. **O mágico de Oz**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149. v. 3.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.
- COLASANTI, Marina. **Ana Z., aonde vai você?**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- COLASANTI, Marina. **Fragatas para terras distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. 1. ed. São Paulo: Global, 2015.
- FOSTER, Thomas C. **Para ler literatura como um professor: um guia ágil e curioso que ensina a ler nas entrelinhas**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- RUSHDIE, Salman. **Haroun e o mar de histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.